



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE DESPORTOS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



GABRIEL KIRCHER FRAGOMENI

FLORIANÓPOLIS

2017

GABRIEL KIRCHER FRAGOMENI

**RELAÇÕES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A PRÁTICA DA
NATAÇÃO EM ÁGUAS ABERTAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5875 - Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Fernando Diefenthaler

Co-orientador: Prof. Bel. Lucas Bet da Rosa Orsatto

FLORIANÓPOLIS

2017

GABRIEL KIRCHER FRAGOMENI

**RELAÇÕES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A PRÁTICA DA
NATAÇÃO EM ÁGUAS ABERTAS**

APROVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor **Fernando Diefenthaler** – DEF/CDS / UFSC

Orientador

Professor Bacharel **Lucas da Bet da Rosa Orssato** – PPGEF/CDS / UFSC

Co-Orientador

Professor Doutor **John Peter Nasser** – Laboratório Atividade Motora Adaptada/CDS / UFSC

Membro Interno

Professor – **Marcelo Peixoto Amin** – Academia Marcelo Amin

Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos familiares e amigos (as) que me fortalecem e preenchem como pessoa, marido, pai, filho, amigo e esportista amante das águas.

RESUMO

Localmente como é de praxe escutar que somos moradores de uma ilha e que devemos ter noções básicas de sobrevivência no mar, o presente estudo apresenta o estado da arte sobre uma das mais versáteis, desafiadora e importante vertente da natação que é chamada genericamente de natação em águas abertas. Esta modalidade oficializada e representada institucionalmente há menos de 15 anos, é vista como a essência da natação. A relação é tão próxima e interligada uma na outra que alguns autores e diferentes estudos demonstram uma dicotomia e até certa contradição histórica e cultural entre ambas. E que atualmente ainda se percebe uma sobreposição e junção em termos práticos, acadêmicos e profissionais. Fato que é justificado principalmente devido ao aparecimento das piscinas e a conseqüente evolução da natação como desporto. Bem como pelos desordenados processos de urbanização e industrialização ocorridos no Brasil. Em paralelo a este cenário, ampliou-se de forma quantitativa, e, algum avanço qualitativo, as possibilidades de envolvimento e atuação dos amantes de esportes aquáticos buscarem suas afinidades e especialidades. Sejam eles na figura de técnicos e profissionais da área da Educação Física ou como praticantes e simpatizantes. Levando em consideração estas questões, e a grandiosidade e a beleza da costa brasileira, bem como nossa vasta cultura e história nos esportes aquáticos, ficou evidente o desequilíbrio acentuado entre o potencial que as águas abertas proporcionam e a informalidade com que é tratada e discutida atualmente. Também devido à sua escassez literária no meio acadêmico nacional principalmente, e por se tratar de uma modalidade recentemente institucionalizada em termos desportivos e de marketing. Neste sentido, o estudo torna-se ainda mais desafiador e importante nas contribuições previstas para a área da Educação Física. Complementarmente, algumas relações e possibilidades com outras atividades aquáticas também foram indicadas no trabalho no sentido de reforçar a revisão de literatura e correlacionar à importância da natação em águas abertas com outras práticas e teorias pertencentes ao meio líquido. A conclusão do projeto destaca as contribuições e especifica algumas potencialidades sugeridas aos profissionais de Educação Física. Almejando não somente situar tais evidências e relações formadas até então, mas que indique e proporcione novos interesses e curiosidades para a temática e suas variáveis em questão.

Palavras chave: desportos aquáticos, maratona aquática, travessias, natação, natação em águas abertas, Educação Física e história.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Cronologia dos marcos históricos da natação, educação física e águas abertas.....19
- Figura 2:** Hierarquia das principais entidades representativas da natação e das águas abertas.
.....27
- Figura 3:** Ferramentas para se tornar um nadador de águas abertas destemido
(MILLER,2011).....43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	
1.1. PROBLEMATIZAÇÃO.....	
1.2. JUSTIFICATIVA.....	
1.3. OBJETIVOS.....	
1.1.1. Objetivo geral.....	
1.1.2. Objetivos específicos.....	
1.4. METODOLOGIA.....	
1.5. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	
2.1. UM BREVE PANORAMA.....	
2.1.1. Iniciando pelos Primórdios.....	
2.1.2. A Educação Física e a Natação em Águas Abertas.....	
2.1.3. O Tardio Processo de Institucionalização e Reconhecimento das Águas Abertas. 22	
2.1.4. A influência da categoria Máster na expansão das águas abertas.....	
2.2. ASPECTOS TEÓRICOS E LEGISLATIVOS DA PROFISSÃO.....	
2.3. INTERDISCIPLINARIDADE E ÁREAS AFINS ENVOLVIDAS.....	
2.3.1. Aspectos relacionados ao Surf.....	
2.3.2. Aspectos relacionados ao Triathlon.....	
2.3.3. Aspectos relacionados ao Polo Aquático.....	
2.3.4. Aspectos Psicológicos.....	
3. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	
4. REFERÊNCIAS.....	

1. INTRODUÇÃO

1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

Mesmo que a história entre ambas as modalidades se configure sob diferentes encaminhamentos e trajetórias, fica evidente pelos registros compreendidos de que a natação em águas abertas foi à precursora da natação em piscinas. E que, antecipadamente, esta última foi incorporada de forma institucional pelas entidades e órgãos que a desenvolvem e a representam. Existindo, assim, uma grande defasagem em termos de envolvimento profissional, institucional e marketing, e, principalmente científico. O que, por sua vez, ocorreu de forma direcionada e centralizada para a natação, e superficialmente as águas abertas.

Isto devido principalmente pela ação direta dos seguintes fatos em favor da natação: 1.influencia militar, 2.funcionalidade e plasticidade dos gestos motores envolvidos, 3.rápida popularização e padronização didática e esportiva (Bonacelli, 2004).

Tais elementos só foram possíveis e viáveis devido ao recente surgimento das piscinas.

No Brasil, o projeto pioneiro foi idealizado pela Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), surgindo durante o ano de 1885 as margens do rio Guaíba uma piscina com água natural do rio e de infraestrutura de pontões (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Com sua devida evolução e influência esportiva, surgiram muitos outros projetos e diferentes iniciativas para construção de novas piscinas. Estas que foram padronizadas para o desporto entre as décadas de 1930 e 1940 e que prevaleceram para a natação em detrimento das águas abertas (BRASIL, 2016).

Este momento é marcante pelo fato da estagnação das águas abertas em termos de popularização, práticos e de interesse institucional.

Diante deste cenário, a revisão bibliográfica apresentada no estudo a seguir objetiva demonstrar algumas defasagens e possíveis oportunidades de incorporação e dinamização en-

tre conteúdos específicos de responsabilidade da área de Educação Física e as práticas que envolvem a natação em águas abertas.

Além disso, destaca que atualmente essa relação já poderia ser mais próxima e encontrar-se num estágio de desenvolvimento mais avançado, consolidado e difundido.

Embasando as afirmações acima, foi somente no ano de 1925 que a Educação Física se aproximou teoricamente das práticas da natação sob sua responsabilidade. Mais especificamente, surgiu nas aulas escolares pelo seu precursor alemão Kurt Wiesnner. Seu método percorria as teorias e pressupostos acerca dos entendimentos de como o corpo poderia flutuar e sustentar na água de uma forma natural (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

Pois as referências consultadas e interpretadas na revisão de literatura específica para a temática em questão, demonstraram elevado grau de dependência das águas abertas para com a natação. E que atualmente muitos autores, entidades e instituições, ainda consideram estas abordagens e métodos centralizadores e excludentes. O que induz, durante o desenvolvimento do conteúdo trabalhado, a utilizar as informações e dados sob a ótica da natação quando necessários.

Atualmente o Brasil desponta no cenário internacional tanto na categoria masculina como feminina. O que segundo (Nogueira, 2014), levando em consideração a nacionalidade dos atletas campeões em etapas da copa do mundo e os que alcançaram a primeira colocação no ranking mundial de 2007 a 2013, o Brasil figura entre uma das três maiores potências atrás somente dos Estados Unidos e Alemanha.

Outra marca ainda mais recente e muito representativa para as águas abertas, foi quando a primeira medalha da natação brasileira foi conquistada por Poliana Okimoto durante os Jogos Olímpicos Rio 2017, sagrando-se como terceira colocada.

Quantitativamente, as águas abertas são representadas por cerca de 6.000 atletas e mais de 1.500 equipes cadastradas (FERNANDES, 2006).

Levando em consideração tais evidências históricas e culturais que formaram o cenário das águas abertas até então, é notório destacar a grande defasagem com relação à

efetiva participação que a área de Educação Física deveria incorporar e desenvolver junto à modalidade. (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

Ou seja, o campo profissional das maratonas aquáticas ainda se encontra em fase de amadurecimento em que muitas questões são decididas de forma pessoal e arbitrariamente, bem como ainda percebe-se a mentalidade das decisões da natação funcionarem *ipsis literis* para as águas abertas também. Sendo que esta última sempre serviu de base para aquela.

1.2. JUSTIFICATIVA

Como visto pelos fatos anteriormente apontados, a tratativa da temática do estudo fundamenta-se principalmente pela importância histórica e marcante presença que as práticas da natação em águas abertas contribuíram, e ainda contribuem, para o desenvolvimento da vida do ser humano. Representando não somente mais um estilo de vida a ser seguido momentaneamente por modismos, mas como uma atividade milenar que possibilite a formação de valores e vínculos sociais duradouros (MILLER, 2011).

Reforçando a justificativa inicial, pretende-se com o trabalho contribuir e organizar subsídios viáveis e reais para que se avance, ou somente desperte as oportunidades e possíveis relações que a Educação Física pode desenvolver junto a modalidade. Seja em termos práticos na figura de técnicos, ou no progresso científico de pesquisas específicas que busquem maior autonomia da modalidade e reconhecimento dos profissionais envolvidos, e que ainda contribua com alguns aspectos do potencial de marketing que possui.

Pois fica evidente que a quantidade e a qualidade das variáveis envolvidas no universo das águas abertas estão muito aquém do tratamento que a modalidade deveria receber atualmente. Principalmente devido a precária representatividade profissional e científica percebidas nos referenciais. Também pela grande responsabilidade que seus professores e profissionais técnicos possuem na prevenção e administração dos riscos e perigos que a natação em águas abertas abrange.

Considerada uma das partes mais importantes do trabalho, serão demonstrados alguns aspectos e apontamentos de como as entidades organizadoras da modalidade a incluem no cenário esportivo internacional, nacional, estadual e local. Com o intuito de contextualizar

historicamente o grau de importância e as diferentes relações que cada instituição organizadora considera relevante para a organização e desenvolvimento da modalidade. O que, por sua vez, sugere a indicação de oportunidades profissionais envolvendo a Educação Física e as águas abertas.

Outra motivação presente na revisão de literatura realizada demonstrará como o nado em águas abertas influencia e serve de base para auxílio e suporte para outros esportes também praticados no meio líquido. Como é o caso do triathlon, polo aquático e o surf por exemplo. O que ainda poderia servir como objeto de estudos científicos e subsídios para prática profissional da Educação Física como associação e relação inter-esportes (MILLER, 2011).

Algumas questões e indicações relacionadas à interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento como biomecânica, fisiologia e psicologia, também serão incluídas e associadas ao estudo. Devido principalmente pela carência bibliográfica disponível e pela grande abrangência de variáveis presentes na prática das águas abertas. O que ficou evidente durante a realização das pesquisas e se fez necessário demonstrar tais interlocuções.

Também é relevante destacar o enorme potencial que o Brasil possui em sua costa com seus mais de 7.491 km de extensão de belos e atrativos cenários naturais. Tais recursos são condizentes com a maximização de ações e diretrizes específicas para o amadurecimento e popularização da natação em águas abertas (IBGE, 2014). Com efeito, é consenso que toda esta atratividade natural pode sugerir oportunidades profissionais não somente para a realização prática dos desportos aquáticos, mas envolver também conhecimento cultural, histórico e social. Além de promover localidades e regiões pelas ações de marketing turístico e incentivo a economia local.

Por fim, conclui-se a justificativa com a motivação pessoal em conhecer a área mais a fundo e compreender essas dinâmicas que serão situadas sistematicamente para melhor entendimento do fenômeno.

1.3. OBJETIVOS

1.1. Objetivo geral

Analisar e compreender teoricamente como as principais dimensões da prática da natação em águas abertas podem ser incorporadas e efetivadas pela Educação Física.

1.2. Objetivos específicos

- Verificar historicamente aspectos e evidências de como foi construída a relação existente entre a Educação Física e a natação em águas abertas;
- Apresentar longitudinalmente como a variável institucional influenciou o desenvolvimento representativo da modalidade;
- Delinear e fundamentar hipóteses que contribuam para o maior envolvimento da modalidade em suas dimensões técnicas, científicas, sociais/afetivas e cognitivas com a área da Educação Física;
- Contextualizar legalmente como o Profissional de Educação Física é incluído e considerado em suas especialidades aquáticas.

1.4. METODOLOGIA

Para obtenção dos referenciais teóricos apresentados a seguir, utilizaram-se as seguintes palavras-chave: natação, natação em águas abertas, esportes aquáticos, Educação Física, triathlon, surf, polo aquático e história. Tanto em inglês para os termos natação, águas abertas, polo aquático e triathlon. E demais no português para as bases de dados do Scopus, Portal Periódico da CAPES, LILACS, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, Biblioteca da UFSC e Google Acadêmico. A busca foi conduzida na tentativa de abranger principalmente estudos científicos e artigos publicados, periódicos e congressos sobre o tema em específico.

Porém na literatura nacional disponível, as buscas mostraram-se limitadas onde foi encontrada uma pequena quantidade de estudos relacionados diretamente ao tema. De conteúdo amplo e genérico (exceto o livro de Maria Lenk – Braçadas e Abraços). Muitos

sites, blogs e notícias, opiniões e atas de conferências foram encontrados e consultados, e poucos interpretados e relevados para composição d apanhado da pesquisa. Além disso, foi utilizada a estratégia de investigação das referências contidas nos trabalhos selecionados.

Já nas referências internacionais foram selecionados estudos com maior especificidade e abrangência. Tanto em termos quantitativos como qualitativos.

O período compreendido nos buscadores foi de 1982 a 2017, sendo que não foram encontrados estudos de anos anteriores que apresentavam relações efetivas com a temática.

1.5. CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Pesquisa de abordagem qualitativa com a finalidade de traçar um panorama da realidade e as dinâmicas das relações envolvidas com a problemática. De objetivo exploratório em que buscou trazer familiaridade e delimitação das variáveis a serem contempladas. Quanto à natureza foi classificada como aplicada com procedimentos bibliográficos e de propósito específico que subsidiaram as respostas dos objetivos delineados e que trouxessem a maior aproximação possível com a realidade local e a compreensão de fenômenos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. UM BREVE PANORAMA

Conforme introduzido anteriormente, é marcante a grande influência exercida pela natação com relação às práticas em águas abertas e vice-versa. Porém ao longo da história fica marcado que a primeira modalidade além de se apropriar em alguns aspectos históricos e técnicos principalmente, também evoluiu muito mais rapidamente que a segunda.

Sendo consenso na pesquisa de literatura buscada, que tal crescimento da natação está relacionado diretamente devido as fortes influências advindas das dimensões institucionais e desportivas direcionadas em unanimidade para a natação. E que também permanece assim

nesta respectiva ordem que ambas as modalidades estão relacionadas e se configuraram com a área da Educação Física até então. O que será o foco principal do trabalho conforme embasamento teórico a seguir.

Reforçando este cenário segundo Vernieri e Fernandes, (2006), a história da natação tem se encontrado e reencontrado com as práticas e competições em águas abertas desde os seus primórdios. Nas origens, a natação somente era praticada em locais de águas abertas: rios, lagoas, enseadas, baías e mesmo em mar aberto.

Cabe ressaltar que ainda faz aproximadamente 10 anos que ambas as modalidades se inter-relacionam de forma oficial (FINA, 2008).

Algumas estratégias de fortalecimento em busca de maior grau de autonomia das águas abertas encontram-se incorporadas e fundamentadas na revisão bibliográfica seguir. Destacando-se maneiras efetivas de representação e atuação que os profissionais de educação física, técnicos da área aquática, meio acadêmico e demais simpatizantes das águas abertas, podem sugerir e reivindicar perante os órgãos e entidades que regem as diretrizes deste envolvente desporto aquático. Tanto em suas dimensões físicas e psicológicas, sociais e científicas, e de marketing e comunicação.

1.3. Iniciando pelos Primórdios

Sabemos que os romanos, por volta de 310 a.C., já tinham o hábito de nadar nos lagos e rios, mas foi durante o Período Romano (27 a.C. a 476 d.C.) que surgiram as piscinas dentro das termas. Na Grécia, na mesma época, as piscinas se localizavam dentro dos ginásios e, conta à história que os povos germanos mergulhavam seus filhos em águas geladas para que os mesmos ganhassem resistência (BONACELLI, 2004).

Pelos primeiros fatos destacados, percebe-se que a natação e seus significados continham um caráter de nobreza, altivez, inteligência e vigor físico. O que será reforçado ao longo deste tópico com o devido embasamento teórico.

Já no início do século XIX, o Coronel Francisco Amoros y Odeano, um dos fundadores da ginástica francesa, desenvolveu suas práticas pedagógicas acentuando a necessidade do exercício físico na educação para a formação não apenas física, mas também

estética e sensorial das crianças. Este mesmo autor evidencia a importância de se saber nadar, deslocar-se no meio líquido, para defender-se do inimigo e salvar pessoas no meio aquático, não apenas no âmbito militar, mas também civil (BONACELLI, 2004).

A dimensão funcionalista da natação também é outro fator a ser reconhecido em destaque, pois desde a antiguidade, onde o ser humano em épocas difíceis de sobrevivência em que escassos recursos eram utilizados (muitos ainda não tinham sido descobertos) necessitava utilizar-se de técnicas para deslocamentos, caça desenvolvimento de destrezas e demonstrações de força e bravura. E a natação foi o meio mais propício utilizado desde então.

Além disso, segundo Nolasco et. all (2006), as principais correntes explicativas sobre a etiologia das espécies, independente das divergências, possuem entre si um significativo grau de consenso sobre o fato de que a origem da vida animal se deu no meio líquido. Segundo Platão, cidadão educado é aquele que sabe ler e nadar, o que indica que a natação situou-se no berço da cultura ocidental.

No Brasil, as primeiras notícias das práticas natatórias vêm do século XVI, concernente aos indígenas, que a usavam como meio de sobrevivência e de socialização (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Avançada esta última abordagem militar e funcionalista da natação, foi também durante o século XIX, que os ingleses criaram as primeiras regras para a prática da natação enquanto esporte competitivo. Ainda no século XIX, as primeiras competições foram organizadas na Inglaterra. A natação foi incorporada ao programa olímpico desde o ano de 1896 durante as duas primeiras edições dos jogos da era moderna em Atenas e na Grécia (SILVESTRE, 2015).

É louvável destacar também que as provas de natação ocorreram em águas abertas durante as três primeiras edições dos Jogos Olímpicos (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE NATAÇÃO, 2014).

Após tal envolvimento e reconhecimento desportivo da modalidade há cerca de dois séculos passados, foi questão de tempo para que a modalidade seguisse avançando vertiginosamente em busca de sua autonomia e padronização. Mesmo que de forma ainda

informal e antecipada, este momento pressupõe-se um possível início de relação da modalidade com a Educação Física.

Seja pela hipótese desportiva e de rendimento ou pelas referências institucionais dos eventos olímpicos. Pois estas duas variáveis vigentes nesta época, para que obtivessem êxito e continuidade, necessitavam de orientações e formatações especializadas que induziam a responsabilidades de seus organizadores e executores.

Em continuidade aos registros históricos que marcaram as águas abertas, foi no ano de 1875, quando um capitão da marinha inglesa chamado Matthew Webb cruzou o Canal da Mancha, nadando em estilo peito seus temerosos 33 km. Webb, que havia falhado em uma primeira tentativa, completou a façanha após exaustivas 21 horas e 45 minutos de exercício (BRASIL, 2016).

O primeiro brasileiro que conclui este mesmo feito do canal foi Abilio Couto em 1959. Na oportunidade foi estabelecido um novo recorde mundial para o desafio. O mesmo nadador realizou a travessia três vezes. Cruzou também o Estreito de Gibraltar e o Rio Nilo, entre outros rios e oceanos. Somados, os percursos nadados por ele equivalem a dar a volta ao mundo pela linha do Equador, que tem cerca de 40 mil quilômetros. Já Igor de Souza atravessou o Canal da Mancha em 1996, quando cravou o melhor tempo do ano. Em 1997, fez o percurso de ida e volta em 18 horas e 33 minutos (MILANI, 2009).

Desde então, inúmeros atletas desafiaram o canal e outras localidades similares foram desbravadas e inclusas no repertório do nado em águas abertas. A natação se tornou esporte apenas em 1898, e também era praticada em águas abertas quando o Clube de Natação do Rio de Janeiro realizou o primeiro Campeonato Brasileiro da modalidade. A prova realizada nesta competição foi à travessia de 1.500 metros entre Fortaleza de Villegaignon e a praia de Santa Luzia (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

É relevante contextualizar a Travessia de São Paulo a Nado. Estas que ocorreram neste valorizado e reconhecido local entre os paulistanos e demais brasileiros durante seus 13 anos de existência. Surgiu em 1924 e extinguiu-se em 1937 (LENK, 1982).

Inicialmente ficou notória a participação que a modalidade do remo exerceu nessa histórica trajetória das águas abertas na capital paulista, sendo precursora e base para realização

épica das 10 edições do evento. Contribuiu para que a natação se vinculasse a Federação Paulista das Sociedades do Remo, momento em que foi oficializado o primeiro regulamento da natação em águas abertas no Brasil em 1932 (LENK, 1982).

Ao longo de sua trajetória histórica, fica evidenciado a grande participação e abertura que a modalidade do remo representou em favor da natação em águas abertas. Principalmente devido a sua fácil e necessária convivência nas águas abertas em sua dimensão funcional. Em que os nadadores, durante suas praticas, são acompanhados e assistidos por caiaques por questões de segurança, direção das correntezas e demais orientações de trajeto.

Não menos importante, a dimensão institucional estabelecida entre suas relações foi de grande relevância. Como o desenvolvimento de regulamentos em parceria, apoio na infraestrutura, organização e realização de eventos, dentre outras formas de representação e fortalecimento. O que também ficou constatado de forma similar para outros estados e localidades além São Paulo.

Também foi de grande importância e influência para as águas abertas a participação efetiva dos veículos jornalísticos vigentes na época. Em que atraíam multidões e curiosos espectadores. Promovia ações de marketing oportunizando de forma dirigida encontros e vínculos sociais de grande prestígio para o público e organizadores. Também era motivo de grande motivação para os atletas que valorizavam o grande evento devido principalmente pela exposição qualificada que a mídia produzia. Pois durante a ocasião da IX Travessia, participaram 2.269 nadadores, inclusive com representantes de outros estados e localidades além de São Paulo.

Uma das principais manchetes do Jornal A Gazeta, apoiador máster das travessias de São Paulo a Nado, publicou matéria de página inteira no ano de 1933 durante a VII Travessia da cidade em que destacou no título:

“Cincoenta mil pessoas assistiram ontem, em todo percurso, a sensacional realização da “VII Travessia de São Paulo a Nado”.

Disponível em: http://gazetapress.com/pauta/11552/maria_lenk

Prosseguindo em seus momentos evolutivos, o grande divisor de águas ocorreu com o recente advento das piscinas. Como demonstrado anteriormente, as primeiras piscinas foram criadas em torno de pontões em rios ou à beira de atracadouros e portos, ou seja, com água corrente natural.

De tal maneira que se criou uma espécie de preconceito com a prática de natação em águas abertas. Passou a ser moderno praticar natação em tanques fechados com água tratada e mais transparente (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

As piscinas como conhecemos atualmente são mais recentes e tiveram impulso efetivo durante as décadas de 40, 50 e 60. Segundo dados de pesquisas realizadas pela Associação Nacional dos Fabricantes e Construtores de Piscinas e Produtos Afins-ANAPP, o Brasil possuía em 2003, 1.300.000 piscinas para a prática esportiva e de lazer (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Associado a tais invenções para a prática da natação, iniciou-se um processo que impactou definitivamente a trajetória das águas abertas. Pois os locais e ambientes pertencentes ao cenário dos recursos hídricos, tornaram-se poluídos e insalubres trazidos pelo fenômeno da urbanização e conseqüente desenvolvimento econômico.

Estes que foram dois dos grandes impeditivos, e motivos suficientes, para refrear o real processo de ascensão e popularização que se encontrava as águas abertas. Atingindo, assim, diretamente um dos seus elementos mais atraentes que é o meio habitat em que ocorrem suas praticas.

Em passagem ao trecho do livro de Lenk (1982), em que especifica em que condições eram realizadas as épicas travessias a nado no rio tiete, afirmou-se que:

“Marcava-se o advento do domínio da técnica e a conseqüente riqueza da cidade, cujo custo era a própria vida do rio. As plantas e os peixes desapareceram, e com eles os nadadores. As travessias já não atraíam o público e deixaram de ser realizadas, elas que, em determinado período da evolução desportiva de São Paulo, constituíram o mais importante evento dos desportos do país”

Este crescimento territorial e uso do solo desordenado foram reforçados pelos diversos casos de doenças contagiosas que eram provocadas principalmente pela poluição das águas (Maria Lenk adquiriu tifo). Sugere-se que este momento influenciou de forma decisiva o histórico equilibrado e harmonioso que relacionava as águas abertas e a natação até então. O que

fez declinar a imagem e as atividades da natação em águas abertas a ponto de quase permanecer estagnada durante cerca de 20 anos.

Conforme Vernieri e Fernandes (2006), o reinício e crescimento das competições de travessias de mar e rios no Brasil, por estímulo da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA e com a denominação de maratonas aquáticas retornou a partir dos anos 80.

A partir de então, verificou-se nas escassas pesquisas e referenciais teóricos, que as próximas duas décadas e meia foram dedicadas quase que exclusivamente ao universo da natação. Esta situação foi ilustrada pelos principais fatos representados pela figura abaixo.

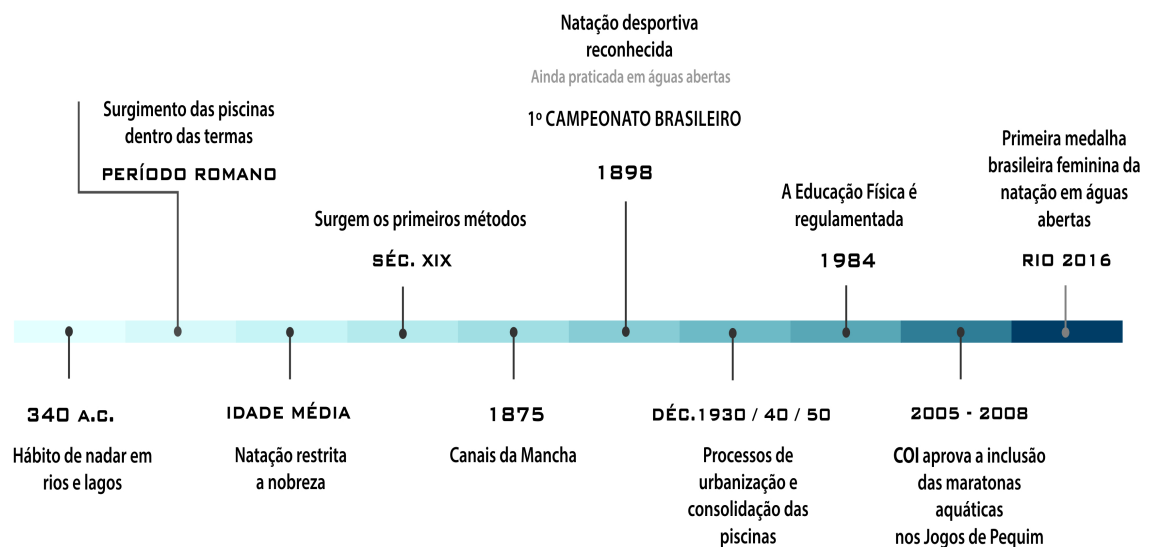


Figura 1: Cronologia dos marcos históricos da natação, educação física e águas abertas.

1.4. A Educação Física e a Natação em Águas Abertas

Segundo Fernandes e Costa (2006), que enfatizam a escassez, ou quase nula disponibilidade de literatura específica para as águas abertas relacionadas diretamente a Educação Física, foi pertinente assumir as bases científicas sob a ótica da natação para o embasamento e desenvolvimento deste tópico.

Para Bonacelli (2004), os primeiros registros que determinaram uma possível relação da temática condizem aos métodos didáticos de ensino da natação que foram sendo aprimorados e organizados para que avançasse em seus aspectos de segurança.

Incluindo que para realização das práticas deveria ter os cuidados e a orientação de um professor. Surgem então os indícios iniciais da figura dos técnicos e supervisores da natação (BONACELLI, 2004).

Desta forma, mesmo que ainda distante de sua regulamentação e reconhecimento profissional, sugere-se, hipoteticamente, o aparecimento das primeiras relações intrínsecas e prováveis com a área da Educação Física.

Sendo que o maior exemplo em termos dos métodos didáticos praticados para época, estes que possuíam pressupostos e procedimentos relacionados ao conhecimento do movimento humano no meio líquido, foram quando surgiu o primeiro Manual Internacional de Natação em 1513, escrito em latim por Nikolaus Wyhmann. Este só possuía pressupostos teóricos, sendo reeditado pelo Instituto Nacional de Educação Física de Madri em 1968 (BONACELLI, 2004).

Ao final do período do século XIX, e início do século XX, pelas poucas piscinas existentes, o ensino da natação era realizado em cochos, isto é, flutuadores formados por pranchões de madeira sustentados por tambores (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Outra forma de treinamento rudimentar, foi constatada pelo trecho do livro de Lenk (1982), em que o preparo para a prova em geral era precário devido a limitação de recursos e técnicas ainda não descobertas. A exemplo dos nadadores que puxavam pequenas embarcações amarrados por cordas presas na cintura.

Mas foi durante o ano de 1935 que se constatou os registros relacionados diretamente a temática deste tópico. Mais especificamente com a vinda de um técnico de natação japonês - Takashiro Saito. Este ex-medalista olímpico do nado de costas permaneceu no Brasil difundindo seus conhecimentos durante o período de 10 meses onde lançou em condições permanentes, as bases do treinamento sistematizado da escola oriental. Para efeito de difusão de conhecimentos, este técnico escreveu um livro, publicado em português, sob o título. “Como vencer na Natação” (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Logo após a estada do profissional japonês, no ano seguinte foi marcado pelo início de um trabalho realizado por treinadores nacionais de alta qualificação pelo Clube de Regatas

Icaraí. Nesta ocasião Niterói ainda não possuía piscina em seus clubes e o treinamento era realizado na Praia de Icaraí, no sistema de pranchões (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006)

Como de fato percebido que as técnicas de treinamento da natação ainda estavam em estágio de amadurecimento no Brasil, a este momento destina-se duas principais questões e finalidades dos objetivos de pesquisa. Quem era os técnicos e dirigentes atuantes em prol da natação de águas abertas nesta época? Como era constituída a relação com a Educação Física antes da regulamentação da profissão? Algumas elucidações e teorias sobre tais indagações foram superficialmente respondidas e detalhadas dentro do possível como segue.

Um dos exemplos mais expressivos refere-se a magistral trajetória de Maria Lenk que se formou em educação física no ano de 1937 e que depois assumiu o cargo de professora e diretora da Escola de Educação Física e Desportos (Lenk 1982).

Em 1967 criou-se a Associação Brasileira de Técnicos de Natação- ABTN, hoje ABT-DA. Associação Brasileira dos Técnicos de Desportos Aquáticos. Nomenclatura que segue atualmente a da CBDA (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Os membros desta associação, em sua maioria ex-nadadores e profissionais técnicos com formação em natação (realizavam cursos realizados no exterior principalmente EUA), preocupados com o maior desenvolvimento deste esporte, incrementam a passagem do treinamento empírico para o trabalho com bases científicas (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Fica marcado até então, que a natação em águas abertas, e suas possíveis relações com a Educação Física, dependem quase que exclusivamente das práticas e estudos oriundos da natação. Aprofundando tais relações percebe-se, ainda, que as técnicas de treinamento, ensino e demais dimensões envolvidas com a natação, dependiam de profissionais que geralmente eram ex-nadadores, familiares e amigos dos nadadores. Ou seja, constata-se uma lacuna sobre os registros específicos que configuram esta relação da natação com a história da educação física no Brasil.

Em contrapartida, segundo sugere-se uma ordem de grandeza mínima de onze milhões de pessoas com acesso à natação no Brasil. Sem contabilizar praticantes em águas abertas. Em adição há 2.100 lojas de equipamentos para piscinas. O setor possui 200 indústrias e gera 6.000 empregos diretos e seu faturamento em 2001 foi de novecentos milhões de reais (9 % a mais do que em 2000) e, em 2002, de um bilhão de reais, representando uma expansão de 5% em relação a 2001. A natação brasileira inicia o século XXI mantendo seu legado de um dos

esportes pioneiros do país e uma de suas principais práticas esportivas de lazer e de competição (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006)

Com referência ao Diagnóstico da Educação Física e Desporto no Brasil. O que, segundo (Da Costa, 1971), com dados coletados em 1969, a natação aparecia como a segunda atividade esportiva do país praticada em clubes (23% do total de praticantes), considerando o futebol como a primeira (30%). Pesquisas de opinião realizadas nos anos de 1990 e de 2000 sugerem que a natação melhorou sua posição nas preferências da população brasileira.

No seu todos os empregos gerados pela prática de natação no Brasil, excluindo-se professores, técnicos, monitores, gerentes etc., situa-se na base preliminar de 46 mil postos de trabalho (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

1.5. O Tardio Processo de Institucionalização e Reconhecimento das Águas Abertas

Primeiramente é necessário destacar uma transição na terminologia que se refere e que situa as águas abertas de forma institucional padronizada como maratonas aquáticas. Sendo esta definida segundo Nogueira (2016), como uma prova olímpica na distancia de 10km realizada em ambientes aquáticos naturais como mares, rios lagos, lagos, lagoas, canais de água entre outros. Dado que o termo maratonas aquáticas é adotado pelas entidades responsáveis pela sua organização em nível internacional, nacional e estadual e que surgiu após a inclusão das águas abertas nos jogos olímpicos de acordo com as pesquisas apresentadas a seguir.

Como visto nos dois últimos tópicos, em que fica evidente qual seja a prática esportiva em foco, quando associada a estratégias de marketing que estejam sintonizadas às dimensões históricas e culturais vigentes na época em questão, asseguram uma possibilidade diferenciada para expansão e valorização da imagem e consolidação de modalidades esportivas, destaque aos atletas e localidade/cidades. Em suas mais diversas camadas sociais e órgãos regulamentadores que a representam.

2.1.1.1. Institucionalização Internacional

Iniciando pelo processo institucional de reconhecimento internacional, foi no ano de 1908, durante os Jogos Olímpicos de Londres, que se fundou a entidade máxima mundialmente reconhecida como Federação Internacional de Natação (FINA). Neste ano inicial a federação incorporava as modalidades da natação, mergulho e polo aquático (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE NATAÇÃO, 2017).

Comparando com a natação que estreou como modalidade no mesmo ano de fundação da FINA, tal processo de inclusão e representação das maratonas demorou 82 anos até sua homologação. E que ainda foi alvo de pressões externas para que ocorresse tal incorporação. Como por exemplo, o sucesso e a inclusão das maratonas aquáticas em diversos países. Ainda, o que segundo indica os registros literários, ocorreu também devido ao seguinte fator:

No ano de 1952, como a FINA não demonstrava interesse nas provas em águas abertas, um grupo de nadadores amadores e profissionais fundaram a Federação Internacional de Natação de Longa Distância - FINLD. Esta federação aceitava os nadadores profissionais uma vez que a FINA era irredutível quanto ao espírito amadorístico não admitindo qualquer tipo de prêmio (VERNIERI E FERNADES 2006).

Percebe-se neste momento, que as leis de mercado, principalmente as das nações ditadas pelo modelo capitalista, já atuavam de forma preponderante e interesseira. Determinando, também, sobre as diretrizes e decisões relativas ao esporte. Ou seja, foi necessário que a FINLD realizasse um movimento espontâneo e contrário (mas de forma organizada) perante as tratativas da entidade máxima da natação para que esta se mobilizasse em incluir as águas abertas em suas modalidades aquáticas oficialmente.

Esta entidade tem por objetivos:

Supervisionar, promover e definir as regras direcionadas para cada disciplina aquática. a) promover e incentivar desenvolvimento da natação em todas as manifestações possíveis em todo mundo, b) promover e incentivar o desenvolvimento de relações internacionais, c) adotar normas e regulamentos uniformes necessários para organizar competições de natação, águas abertas, polo aquático, saltos ornamentais e máster, d) organizar campeonatos mundiais e eventos da FINA, e) aumentar o número de instalações para a natação em todo mundo (NOGUEIRA, 2014).

Ao longo dos anos a FINA se expandiu vertiginosamente atuando sobre as principais decisões das cinco modalidades esportivas aquáticas (natação, maratonas aquáticas, polo

aquático, saltos ornamentais e nado sincronizado) em cinco continentes e com mais de 200 federações vinculadas. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE NATAÇÃO, 2017).

Consolidado este cenário, se percebeu uma evidente transição com relação à organização da modalidade em termos de imagem e visibilidade, bem como em suas diretrizes esportivas. Pois em outubro de 2005, o COI aprovou a entrada das maratonas aquáticas no programa dos Jogos Olímpicos de Pequim-2008, com a prova de 10 km. Sequencialmente no mês seguinte a Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) incluiu a modalidade no programa esportivo do Rio-2007, quando também fez sua estreia em edições de Jogos Pan-Americanos, modernizando sua imagem e ações de marketing. (TIME BRASIL, 2016).

Uma última questão a ser considerada, refere-se ao processo de reconhecimento internacional das maratonas pela FINA surgiu com as mudanças advindas do Comitê Olímpico Internacional COI, entidade detentora dos direitos e diretrizes do movimento e da carta olímpica. Onde em reunião oficial decidiu alterar os critérios do amadorismo das maratonas aquáticas. O que implicou com que a entidade (VERNIERI E FERNANDES, 2006).

2.1.1.2. Institucionalização Nacional

Entrando na esfera federal e prosseguindo com as entidades maiores que impulsionaram o desenvolvimento inicial das águas abertas, em 1914, funda-se o Comitê Olímpico Nacional, antecessor do Comitê Olímpico Brasileiro-COB, que promoveu o comparecimento de representantes brasileiros da natação, polo aquático e saltos ornamentais. Logo em seguida, surge em 1916 Fundada a Confederação Brasileira de Desportos - CBD, que reuniu todas as Federações esportivas nacionais então existentes (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Na década de 50 a expansão acentuada da construção de piscinas em todo o Brasil, trouxe imprevistos ao plano da organização esportiva nacional. Em que apareceram os primeiros sinais da exaustão da CBD no lidar com todas as modalidades esportivas (inclusive a natação). Depois dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, a CBD começou a cuidar especialmente do futebol, em detrimento da natação e dos demais esportes amadores, criando assim sucessivos conflitos de interesse. É criada, assim, a Confederação Brasileira de Natação-CBN, como órgão gestor dos desportos aquáticos (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Os primeiros patrocínios exclusivos a natação do Brasil ocorreram na década de 80. O que iniciou o assunto da profissionalização da modalidade. Ainda nesta época, foram relevan-

tes os Projetos da área privada da Mesbla e Kibon. Ambos de impacto focados para renovação do esporte. A natação foi um dos últimos esportes importantes do país a se profissionalizar (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Evoluindo em seu processo de reconhecimento, com a chancela da CBDA a modalidade institucionalizou-se de forma definitiva alcançando maior destaque e popularidade. O que resgatou e trouxe novamente as águas abertas para o cenário desportivo nacional no início da década de 90 (NOGUEIRA, 2014).

Em âmbito nacional esta entidade possui as mesmas características da FINA, porém, usa o termo maratonas aquáticas para as provas de 5 km – a meia maratona, 7,5 km e os 10 km. Já a Federação Internacional considera como maratona aquática somente as provas de 10 km. Pois em seu repertório competitivo também supervisiona e regulamenta os eventos de 5 km, 25 km e por equipes (NOGUEIRA, 2014).

Também de forma similar a FINA, a Confederação só incluiu as águas abertas em suas atividades de forma tardia. Pois somente após 23 anos de sua fundação em 1977, que a modalidade entrou no repertório dos cinco desportos aquáticos que a entidade gerencia. Dentre eles: natação, maratonas aquáticas, polo aquático, saltos ornamentais e nado sincronizado (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS AQUÁTICOS 2017)

A CBDA possui como atribuições e finalidades:

a) representação junto aos poderes públicos no Brasil e no exterior, b) promoção de competições e cursos técnicos, c) atenção e cumprimento das regras das entidades superiores e d) administração sobre as decisões entre as entidades filiadas a ela (NOGUEIRA, 2014).

Segundo os últimos registros, havia no Brasil, em 2003, 27 Federações filiadas à CBDA e aproximadamente 63.000 atletas federados em todos os desportos aquáticos.

2.1.1.3. Representatividade das águas abertas em outras esferas federativas

Um dos maiores exemplos nacionais que durou 10 anos na praia de Copacabana, foi a travessia dos fortes realizada inicialmente pelo Exército Militar. Esta que foi uma das mais frequentadas e disputadas das águas abertas e que até hoje é reconhecida mundialmente. Também foi considerada a principal prova da natação em mar aberto da América Latina até sua extinção em 2012, a média de inscritos era de aproximadamente 2.000 atletas por etapa (ANTELO: CRUZ, 2013).

Dimensionando a modalidade em termos quantitativos, somente no estado do Rio de Janeiro, um dos precursores das práticas em águas abertas, atualmente estima-se em 5 mil o número de praticantes segundo a Federação Aquática do Estado do Rio de Janeiro (FARJ, 2016).

Abrangendo as ações municipais das águas abertas, evidenciam-se três circuitos principais de travessias no estado de Santa Catarina. Em termos qualitativos o mais tradicional e renomado é organizado pela Federação Aquática de Santa Catarina (FASC) que contém três etapas anualmente em diferentes localidades do estado. Atua de forma diferenciada desde o ano de 2002 promovendo e representando ações esportivas e institucionais para a natação, maratonas aquáticas, nado sincronizado, saltos ornamentais e polo aquático. Atualmente é um dos únicos circuitos que distribui premiação em dinheiro dentre as demais entidades federativas (FASC, 2016).

Somente no município de Florianópolis anualmente ocorrem cerca de 8 a 10 etapas das águas abertas. Algumas de circuitos já consolidados com a participação inclusive de atletas estrangeiros como é o caso do circuito da FASC (uma etapa na lagoa da conceição), e o Circuito *Grand Prix* (antigo Circuito Mercosul de Travessias), com etapas na Baía Sul e Norte, Lagoa do Peri, Jurerê Internacional e na praia da Daniela.

A travessia da Ilha do Campeche é outra que faz parte das mais tradicionais competições de abrangência municipal e estadual das águas abertas anualmente. **Acessado em 14.06.2017.** Disponível em: <http://www.travessias.com/>

ORGANOGRAMA

Hierarquia das Entidades e Órgãos envolvidos com esportes em áreas abertas

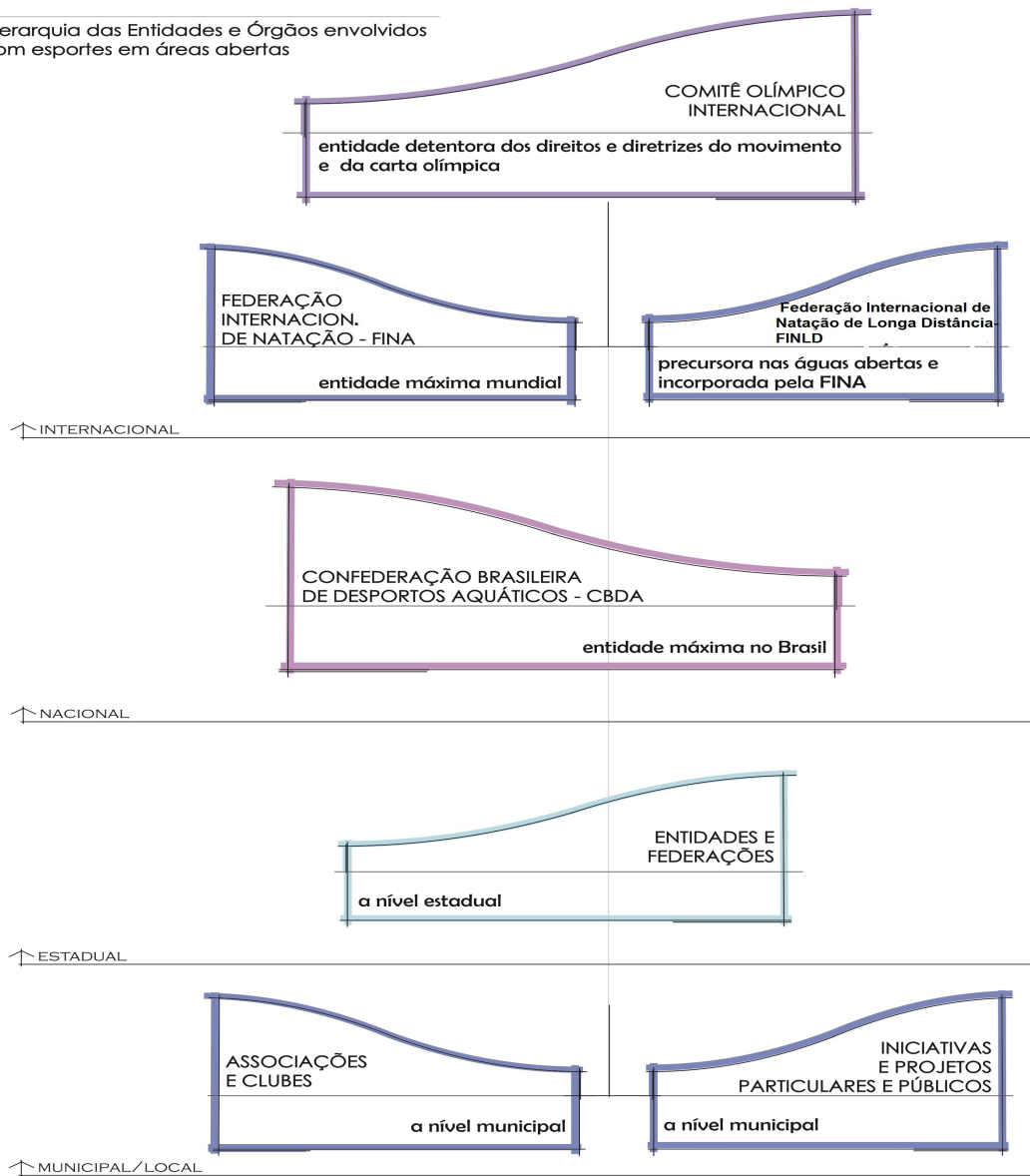


Figura 2: Hierarquia das principais entidades representativas da natação e das águas abertas.

2.1.3.4. A influência da categoria Máster na expansão das águas abertas

Um dos segmentos mais fortes em termos de integração, motivação, representação e popularidade das águas abertas é a participação ativa das categorias máster (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE NATAÇÃO, 2017).

Já no Brasil, os primeiros movimentos para se realizar um evento para a categoria máster que se tem registros foi no ano de 1974. Quando o nadador brasileiro Waldyr Ramos

trouxe dos Estados Unidos um regulamento de natação da categoria na esperança de implementá-lo no país (DEVIDE, 1999).

Ainda segundo este mesmo autor, porém no ano de 1984, fundou-se a Associação Brasileira Máster de Natação (ABMN), que tinha por finalidade representar seus nadadores de forma independente de qualquer vínculo federativo (DEVIDE, 1999).

Outro aspecto importante do desenvolvimento da ABMN é o seu princípio norteador que enfatiza:

"o objetivo principal nosso era de integração. Os principais eram de integração... social, saúde. De aptidão física. Saúde através do treinamento... do condicionamento físico (...) do controle alimentar; (...) fisiológico, quer dizer, enfim: saúde de uma maneira geral."
Devide (1999, p. 36, apud RAMOS, 1997)

Segundo esta entidade, muitos abandonaram o esporte (inclusive a natação) ao final da década de 1990, e o reencontram em outro momento da vida após a adolescência em fase mais avançada da vida. Pois nesta faixa etária (no Brasil o máster inicia-se a partir dos 24 anos de idade) que geralmente é de melhores condições financeiras, maiores necessidades sociais e manutenção da forma física, as águas abertas tornaram-se preferência para novos praticantes e reencontros (DEVIDE, 1999).

Também durante este período, mais especificamente nos anos 90, ocorreu o primeiro campeonato mundial máster em que as cinco modalidades aquáticas participaram fazendo história na cidade do Rio de Janeiro. A prova de águas abertas foi realizada na distância de 6 km e na famosa praia de Copacabana (RAMOS, 2006).

Atualmente estima-se que no Brasil a categoria é representada por mais de 12.000 nadadores em atividade, 26 associações/ federações estaduais e cerca de 250 equipes em clubes, academias ou escolas de natação disputando competições estaduais e municipais que ocorrem durante todo o ano. É crescente a exposição dos másters nos meios de comunicação de massa, principalmente os nadadores mais idosos (RAMOS, 2006).

Dedicadas à natação máster. Estudantes de graduação e pós-graduação estão produzindo estudos que contribuem para ampliar o conhecimento na área. E têm surgindo

pequenas empresas de material esportivo e atividades afins que se dedicam a preparar pacotes de viagens para as competições (RAMOS, 2006).

Ainda de forma quantitativa, somente na Europa, região de maior quantidade de praticantes das águas abertas, o continente conta com mais de 25.000 filiados sendo em sua maioria das categorias Máster (**BORGES, 2016**).

Fatos que se estabeleceram principalmente pela quantidade de atletas que fazem a migração das práticas na natação e se transferem para as águas abertas. Pois até mesmo as duas entidades máximas dos desportos aquáticos, no Brasil a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) e mundialmente a FINA, permitem a livre transição e o mesmo número de registro entre os atletas da natação e das águas abertas. O que atualmente é muito comum observar que ambas as modalidades são praticadas concomitantemente (NOGUEIRA, 2014).

Este segmento cresceu não somente de forma contingencial, mas institucional também possuindo regulamento próprio para as águas abertas e demais desportos aquáticos. O princípio da FINA presente em suas diversas ações e diretrizes para o desenvolvimento das categorias do máster é:

“promover a aptidão física, amizade, compreensão e competição através da prática da natação, mergulho, nado sincronizado, polo aquático e natação de águas abertas entre seus praticantes” (REGULAMENTO MÁSTER DA FINA, 2015-2017).

Confirmando, portanto, que este movimento de veteranos tende a se internacionalizar e se associar a ações de marketing e turismo como tem ocorrido em âmbito internacional e nacional.

2.2. ASPECTOS TEÓRICOS E LEGISLATIVOS DA PROFISSÃO

Nesta parte do trabalho são delineados alguns caminhos encontrados nas pesquisas para o envolvimento, diante das responsabilidades e atribuições dos profissionais da Educação Física, em aprofundar e desenvolver tais inter-relações teóricas e práticas entre as águas abertas e a profissão. Almejando, assim, a busca organizada e fundamentada por elementos

ampliadores das atribuições e atividades que podem ser reivindicadas e dinamizadas pela área conforme embasamento a seguir.

Dimensionando primeiramente a regulamentação do Profissional de Educação Física e a criação dos *Conselhos Federal e Regionais*, esta que foi homologada pela **LEI N° 9.696, DE 1 DE SETEMBRO DE 1998**, e que dispõe sobre:

“a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física”

(PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2017).

Após este processo de reconhecimento federal da profissão e criação de conselho exclusivo, convém destacar e situar como é classificada a área no Ministério do Trabalho conforme sua Classificação Brasileira de ocupações (CBO). Os trechos destacados a seguir foram contemplados na íntegra, mas os destaques em negrito condizem com as possíveis oportunidades de serem aplicadas especificamente a natação em águas abertas relacionadas ao conteúdo e finalidades do trabalho de conclusão de curso como segue:

Código 2241 – titulação para os Profissionais da educação física

Grupo A) COORDENAR ATIVIDADE FÍSICA E ESPORTIVA - Atividades e Competências: Organizar comissão técnica, Integrar os membros da comissão, Desempenhar papel de interlocutor, Promover eventos, Verificar a documentação do atleta perante as entidades de administração esportiva, Controlar o material necessário para o desenvolvimento das atividades, Comunicar a data e o local dos eventos aos interessados, Verificar o local das atividades, Marcar horário e local das atividades, Programar transporte, alimentação e hospedagem, Redigir relatórios técnicos periódicos, Participar de reuniões, Realizar reuniões.

Grupo B) IDENTIFICAR NECESSIDADES DE INTERVENÇÃO PROFISSIONAL – Atividades e Competências: Cadastrar beneficiários, Classificar os beneficiários segundo características e dados biossociais, Identificar talentos, Selecionar o atleta e o praticante, Coletar dados técnicos e físicos, Indicar atletas para contratação, Entrevistar atletas para contratação.

Grupo C) PLANEJAR AÇÕES DE INTERVENÇÃO PROFISSIONAL – Atividades e Competências: Determinar filosofia e métodos de trabalho, Determinar os meios e processos das atividades, Programar treinamento e atividades, Definir testes físicos, Fixar objetivos e metas, Analisar os dados físicos e técnicos dos beneficiários, Adequar os exercícios às condições e necessidades dos beneficiários, Avaliar o potencial dos beneficiários, Avaliar os resultados da aplicação do planejamento.

Grupo D) DESENVOLVER TREINAMENTO – Atividades e Competências: Aplicar testes funcionais, Desenvolver treinamento com dados das avaliações realizadas, **Desenvolver capacidades cognitivas, Desenvolver qualidades físicas e motoras, Desenvolver qualidades técnicas e táticas, Implementar treinamento técnico, tático e físico, Orientar sobre as regras desportivas, Corrigir erros táticos e técnicos, Orientar aspectos disciplinares, táticos e técnicos, Orientar aspectos comportamentais, sociais, morais e éticos, Aplicar exercícios corretivos de natureza técnico e tática, Aplicar atividades recreativas de desenvolvimento técnico, tático e físico, Observar os relatórios dos aspectos psicológicos, nutricionais e médicos dos beneficiários.**

Grupo E) INTERVIR NOS PROCESSOS COMPETITIVOS – Atividades e Competências: Analisar as condições de competição, Treinar atletas para objetivos fixados, Intervir com ações táticas e técnicas na competição, Orientar o comportamento do atleta na competição, Avaliar o comportamento dos atletas na competição, Coletar dados estatísticos da competição.

Grupo F) COMUNICAR-SE – Atividades e Competências: Utilizar meios de comunicação, **Ministrar cursos e palestras, Utilizar gestos e sinais, Utilizar recursos audiovisuais, Utilizar comunicação oral e escrita, Utilizar recursos de informática, **Mostrar o movimento a ser realizado**, Utilizar desenhos e gráficos (CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA de OCUPAÇÕES, 2017).**

Em continuidade as principais prerrogativas relacionadas à temática dos objetivos de pesquisa, é relevante considerar conforme preceitua o sistema CREF/CONFED:

“É de grande relevância social o trabalho interdisciplinar em Desportos Aquáticos e a necessidade de ações realizadas pelos diferentes profissionais de nível superior como

condição para se oferecer aos praticantes destas modalidades esportivas orientações para a aprendizagem e o treinamento”. **Resolução CONFEF nº 280/2015**

Em destaque e complementaridade a esta Resolução do Conselho, enfatizando seus aspectos didáticos e metodológicos, observou-se o trecho contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais em que afirma a possibilidade de ir ao encontro de experiências e informações no meio ambiente próximo. E que é de responsabilidade da Educação Física (escolar principalmente), buscar para seus alunos interações socioculturais presentes na realidade local e dinamizá-las para dentro das instituições de ensino (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004).

Ou seja, com a rica diversidade litorânea que o Brasil apresenta, onde muitas instituições de ensino estão estabelecidas, o planejamento de atividades direcionadas ao universo das águas abertas como trilhas nas praias, lagoas e rios, aulas de natação no mar ou até mesmo simulados nas piscinas, consciência ambiental e recreação na areia, dentre outros, possibilitam contemplar um novo horizonte de experiências corporais e sensoriais, e de interação social. Seja previsto nos planos de ensino dos professores de educação física ou até mesmo nos Projetos Políticos Pedagógicos escolares.

Ainda é de se vislumbrar parcerias e projetos específicos de educação vinculados às atividades das águas abertas como, por exemplo, uma visita ao corpo de bombeiros com a finalidade de conhecer seu papel durante a realização de uma prova de maratona aquática.

A exemplo das diretrizes escolares pertencentes no livro da Educação Física e a organização curricular, mais especificamente para o ensino fundamental do 5º ano escolar, foi analisado e registrado dentro da classificação maior intitulada “O movimento e o Esporte”, sob o tema esportes olímpicos, um único registro da natação em que foram indicados assuntos propositivos para as aulas de educação física tais como: Caracterização, Origem e história, fundamentos básicos, estilos e tipos de prova (Palma et. All, 2010).

Enfim, seja pelas suas influências quantitativas ou qualitativas, o fato é que este conteúdo esportivo é de especialidade da área de Educação Física. Para ilustrar a situação e autonomia da modalidade, segundo o Conselho Federal de Educação Física, sistema CONFEF/CREF, em seu artigo I da resolução nº 280/2015 que dispõe sobre a especialidade profissional em Educação Física em desportos aquáticos, o seguinte trecho é destacado:

“Definir os desportos aquáticos como área de Especialidade Profissional em Educação Física” (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2015).

Porém especificando os desportos aquáticos inseridos na resolução acima, foram incluídas somente as seguintes modalidades; natação, nado sincronizado, polo aquático e saltos ornamentais. Excetuando as maratonas aquáticas. O que reforça a fragilidade na relação entre a Educação Física e as águas abertas.

Esta ausência das águas abertas na lei destacada acima é interpretada de forma equivocada e desatualizada, pois conforme visto no tópico 3.2.2 a (CBDA), entidade máxima a nível federal que tem por finalidade gerenciar e fomentar as cinco modalidades que compõe os esportes aquáticos nacionais representa e inclui desde o início da década de 1990 a natação em águas abertas associada as outras quatro modalidades (NOLASCO; PÁVEL; MOURA, 2006).

Aprofundando tais questões com a Educação Física, registrou-se que nas áreas da Biomecânica, e, principalmente da Fisiologia do Exercício, é notório a participação e influência que estas especialidades possuem no contexto da ciência da natação. Principalmente sob suas variáveis metabólicas e sobre possibilidades de rendimento e desempenho esportivos (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

Ainda segundo Fernandes e Da Costa (2006), os motivos mais evidentes para estes fatos destacados acima, que convergem para a escassez e avanços de pesquisas na área do contexto pedagógico do ensinar a nadar, são originados pelo desconhecimento dos professores sobre como os métodos didáticos poderiam lhes orientar na prática do ensino da natação e pelas deficiências dos currículos que formam os professores de Educação Física (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

Complementarmente citando a resolução já destacada acima do CONFEF/CREF em seu parágrafo único:

A Especialidade Profissional em desportos aquáticos para efeito de reconhecimento pelo Sistema CONFEF/CREFs e para atuação profissional específica, destina-se, exclusivamente, aos Profissionais de Educação Física que tenham concluído o curso de bacharelado em Educação Física (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2015).

Diante desta realidade, fica evidente e reforçada a precariedade com que novos métodos e processos de aprendizagem referentes ao ensino da natação são representados institucionalmente. Incumbência e responsabilidade que caberia aos profissionais da área da Licenciatura também. Neste sentido, tais inclusões possibilitariam ampliar de forma integrativa e complementar as especialidades já desenvolvidas do saber fazer, para novos formatos didáticos que ampliem e unifiquem os entendimentos que a natação demanda da área de Educação Física (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

2.3. INTERDISCIPLINARIDADE E ÁREAS AFINS ENVOLVIDAS

Delineando as possibilidades da natação em águas abertas e suas oportunidades em se relacionar com a Educação Física em diferentes modalidades e disciplinas, e de acordo com as pesquisas literárias realizadas, registrou-se uma quantidade significativa de relações e oportunidades presentes nestas duas variáveis. Desta forma, serão abordadas somente as disciplinas que estão estreitamente próximas e correlacionadas a este tópico e de acordo com a finalidade do trabalho.

2.3.1. Aspectos relacionados ao Surf

Diante deste cenário de possibilidades que as águas abertas representam, constataram-se referências históricas do ano de 1912 durante a realização dos jogos olímpicos de Estocolmo, na Suécia em que o mundo conheceria o Havaiano Duke Kahanamoku, onde foi medalhista de ouro e prata durante esta edição. Um verdadeiro fenômeno do nado crawl que se tornou referência no universo dos desportos aquáticos principalmente por sua ancestralidade com o surf (PALLEROSI, 2015).

Ou seja, é notório destacar o quanto a natação em águas abertas pode contribuir principalmente sob os aspectos do condicionamento físico também muito necessário às praticas do Surf. Citando algumas valências que podem ser favorecidas aos surfistas temos; remada, condicionamento cardiorrespiratório, fortalecimento muscular e das articulações e velocidade. Algumas habilidades mentais como equilíbrio e concentração também fazem parte deste repertório.

Prosseguindo com a marcante história de Duke tanto para a natação como para o surf, seu maior legado foi conseguir, naquela época, semear a cultura local das ilhas havaianas para o mundo contemporâneo, em que adaptou um esporte primitivo originário da polinésia francesa e que alcançou até as culturas ocidentais modernas. Seus curiosos métodos de treinos no oceano chamaram a atenção no enfrentamento de ondas do arquipélago polinésio (PALLEROSI, 2015).

Reforçando esta relação, muitas aulas de natação inclusive já ganharam a nomenclatura do surf. Como é o caso do programa de treinamentos para o surf da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Disponível em:

<http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/parqueesportivo/Capa/Horarios/HorNatSurf>

Outro Grande feito de Duke para a posteridade aquática foi a conquista da medalha de ouro durante os Jogos Olímpicos da Antuérpia em 1920, sangrando-se aos 30 anos de idade como nadador mais velho a ganhar uma medalha em uma prova individual de natação. Este recorde só seria superado 94 anos depois, por Michael Phelps que conquistou um ouro com 31 anos e 40 dias (STRINI; REZENDE, 2016).

Em contrapartida, o contrário também pode acontecer. Porém o surf tem contribuído de forma discreta para os praticantes de águas abertas devido principalmente aos aspectos técnicos desta última modalidade. Mas algumas possibilidades estão contempladas a seguir.

Citando um exemplo desta relação, temos a questão do uso da roupa de neoprene. Pois muitos surfistas e nadadores de águas abertas são acostumados a enfrentar águas frias e utilizar estes trajes (MILLER, 2011).

Prosseguindo com a marcante história de Duke tanto para a natação como para o surf, seu maior legado foi conseguir, naquela época, semear a cultura local das ilhas havaianas para o mundo contemporâneo, em que adaptou um esporte primitivo originário da polinésia francesa e que alcançou até as culturas ocidentais modernas. Seus curiosos métodos de treinos no oceano chamaram a atenção no enfrentamento de ondas do arquipélago polinésio (PALLEROSI, 2015).

A variável das ondas é uma constante na vida dos nadadores de mar, em que muitos tiram proveito não somente das condições durante a saída para maratonas, mas também na

chegada principalmente onde, muitas vezes, uma prova é decidida. Pois neste último momento os nadadores podem se beneficiar dos conhecimentos do surf para pegar “jacarés” e cruzar a linha de chegada antes dos adversários (MILLER, 2011).

Levando em consideração que cada praia, e, conseqüentemente, cada onda é diferente uma da outra, os surfistas mais experientes conseguem realizar uma leitura diferenciada sobre a melhor onda a ser pega. Também já estão mais familiarizados com outros variáveis presentes com frequência em suas atividades como, por exemplo, furar uma onda, direção dos ventos e correntes, senso de localização, temperatura da água e uso de neoprenes. Situações que muitas vezes os nadadores de mar estão inseridos necessitam saber lidar da melhor forma possível. (MUNATONES, 2011).

Por fim, caso os praticantes das águas abertas apresentem fobias e sérias dificuldades quanto aos aspectos e variáveis relacionados ao surf, é válido buscar orientação profissional específica para o desenvolvimento de tais habilidades (MILLER, 2011). E o responsável pelas praticas e especialidades relacionadas ao surf pertence às atribuições e direitos do Educador Físico como visto no tópico 2.2 – Legislação.

2.3.2. Aspectos relacionados ao Triathlon

Em relação ao triathlon é marcante o dito popular que para ser um bom triatleta é preciso antes ser um bom nadador. Pois a parte da natação além de ser a primeira modalidade da sequência antes do ciclismo e da corrida, e por ser realizada no meio líquido, que, por sua vez, apresenta uma maior resistência em relação ao ar, é um esporte altamente dependente da habilidade técnica do atleta (PACHECO, 2010).

Neste ambiente aquático, também é de grande relevância os gastos energéticos demandados para manter-se em constante movimento, e devido principalmente pelas baixas temperaturas das águas em que é praticado. O que segundo Silvan (2004) a média de temperatura está abaixo dos 20°C.

Reforçando sua influência e a intensidade com que a natação é praticada na modalidade do triathlon, segundo Pacheco et al. (2012), concluiu-se que o desempenho realizado no ciclismo representava a contribuição de 50% no tempo total da competição, enquanto a corrida representava 30% e a natação apenas 20%.

Ou seja, mesmo que a natação seja a especialidade mais rápida¹ durante uma competição de triathlon, a mesma possui caráter fundamental para um bom início de prova, em que estratégia de liderança e agilidade na primeira transição (da natação para o ciclismo) é fator essencial em busca de melhores resultados e posições de destaque. (PACHECO, 2010).

Como mencionado inicialmente que para otimizar o desempenho na natação, a técnica de nado é primordial, pois ela ilustra a transferência de energia para a água: quanto melhor a técnica menor a transferência da energia (PACHECO et al., 2012). Constata-se de fato então que os fatores biomecânicos envolvidos com as práticas em águas abertas determinam grande parte do desempenho. Principalmente em ambientes desprovidos de equipamentos que reduzem o atrito como raias, e que também sofrem grande influência de ventos e marés. O que, por sua vez, aumentam o arrasto diminuindo a capacidade de propulsão e demandando ainda mais energia e controle mental durante esta etapa.

2.3.3. Aspectos relacionados ao Polo Aquático

Como nas águas abertas, o polo aquático teve seus primeiros jogos e disputas realizados nos oceanos, rios (era praticado no tiete também como nas travessias) e lagos. Além das proximidades históricas o esporte apresenta algumas semelhanças com a natação como destacado por outros autores a seguir;

“O ano de 1900 pode ser considerado como referência para a introdução do polo aquático no Brasil, a julgar por evidências esparsas que identificam no esportista Flávio Viera, atuante nos clubes de regatas do eixo Rio/São Paulo, um promotor da nova modalidade então relacionada com o remo e a natação” (TELLES 2006).

Mas o que o caracteriza de forma peculiar e única, são as exigentes valências envolvidas em termos de esforço físico como segue destacado por Lopes (1994):

“As técnicas clássicas de nado não são por si só suficientes. As tarefas de arranque, simulação, mudanças de direção e sentido de nado, para além de um quadro específico de técnicas de deslocamento e de saltos, exigem do jogador uma grande capacidade de relacionamento com o meio aquático, principalmente na qualidade, número e diversidade dos

¹ A especialidade mais rápida: dependendo das provas em questão, pois suas distancias variadas não podem ser generalizadas como no caso do short triathlon, nas quais a natação tem duração entre 10 e 30min.

apoios realizados na água e na redução das forças de arrasto hidrodinâmico opostas ao deslocamento” (LOPES, 1994).

Em referência a Educação física, foi no ano de 1985 que registrou-se o Polo Aquático como disciplina na Escola de Educação Física e Desportos-EEFD, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.UFRJ. em que foram abertas inscrições para alunas da Escola, na disciplina eletiva de Polo Aquático. O que segundo Peres, (2006) destacou:

“O entendimento de que a educação física é disciplina que ocorre em ambiente escolar; de participação naturalmente mista, legitimou a solicitação. O Polo Aquático passou a ser entendido, no âmbito acadêmico da EEFD e nas escolas de formação de professores de educação física, como uma disciplina eminentemente prática e com a participação conjunta de alunos e alunas” (PERES, 2006).

Relacionando este destemido desporto aquático com as águas abertas, é notório destacar algumas de suas similaridades funcionais. O que, por sua vez, potencializa as oportunidades de atuação dos Profissionais de Educação Física. Principalmente devido ao aspecto biomecânico do nado de cabeça alta que é o movimento base para carregar a bola para os locais desejados no campo, e protegê-la dos adversários (LOPES, 1994).

Em média um jogador de polo aquático nada aproximadamente entre o estilo de crawl clássico e o estilo de polo cabeça alta, de quatro a cinco quilômetros por partida em aproximadamente uma hora de jogo. Disponível em: <http://pt.wikihow.com/Entender-as-Regras-do-Polo-Aqu%C3%A1tico>

O que segundo Miller (2011), é de extrema importância para os nadadores terem familiaridade com o estilo de nado cabeça alta do polo para orientação e navegação. É uma habilidade fundamental para visualização do trajeto a ser percorrido na menor distância possível (nadar em linha reta).

O ideal é que a cada 20 braçadas no máximo o nadador realize uma respiração frontal. Uma dica é nadar de olhos fechados à distância de uma piscina, desta forma as raias mostrarão para qual dos lados é o predominante. Ou até mesmo se o praticante já está nadando em linha reta, o que pode se tornar mais fácil ainda quando os maratonistas elegem pontos de referência como prédios e construções, montanhas e árvores, as boias do percurso, outros nadadores, etc. (AZEVEDO, 2004).

Para além do sentido visual, o movimento de nado com a cabeça fora da água pode evitar uma das principais barreiras que acometem os maratonistas que é o enjoo. E também torna-se muito funcional quando a superfície dos mares estão sob influência de ondas, pois assim, com o nado de polo talvez se consiga um campo visual por cima das marolas (MILLER, 2011).

Outra característica muito funcional do movimento de jogo do polo, e que serve também como habilidade motora para as águas abertas é a pernada de sustentação, também chamada de pernada alternada ou *eggbeater* (DA SILVA: CASTRO, 2006).

Este movimento deve-se ao fato do jogo oficial ocorrer em piscinas com a profundidade mínima de 1,80mts onde os jogadores não toquem com o pé no fundo (FINA).

Para melhor entendimento do movimento básico de sustentação no polo aquático, segue a definição e a finalidade do *eggbeater*:

É uma técnica realizada no polo aquático com a finalidade de sustentação e deslocamento, é considerado uma das habilidades fundamentais da modalidade. É utilizado para elevar a parte superior do corpo para fora da água, gerando força vertical para cima, agregado ao empuxo, a fim de equilibrar e/ou superar o peso corporal (DA SILVA: CASTRO, 2006).

Assim como no polo aquático, este tipo de pernada alternada também é marcante, porém em menor quantidade, nas águas abertas. Muitos nadadores a chamam de pernada de peito e a indicação para seu uso durante suas práticas são mais presentes nos seguintes momentos: saídas e largadas de prova que acontecem em águas profundas, descanso e sinalização, contorno de boias e ajuste do equipamento e momentos de hidratação e alimentação (BORGES, 2006).

2.3.4. Aspectos Psicológicos

Do ponto de vista mecânico, nadar em piscinas não é muito diferente de nadar em águas abertas, porém psicologicamente falando é um mundo a parte (MILLER, 2011).

De maneira em geral, o grupo dos nadadores de águas abertas é introspectivo que mantém contato muito íntimo com seu eu interior. Onde surgem muitas oportunidades para

refletir sobre suas motivações durante as práticas. Sua capacidade de perseverar é o comportamento mais idealizado. Também possuem uma habilidade incomum de focalizar no positivo, ignoram os desconfortos que enfrentam, e prontamente aceitam sacrifícios (MUNATONES, 2011).

Ainda segundo o mesmo autor, a grande maioria dos praticantes de águas abertas nada para atingir um objetivo pessoal. Outros se esforçam para ganhar fama. E há também aqueles que aproveitam os benefícios da prática para auxílio a instituições de caridade e projetos de cunho social (MUNATONES, 2011).

Citando o exemplo de Bittencourt (2013) com a fundação do Instituto Renascer das Águas, em que seu idealizador foi motivado após o resultado soro positivo de HIV. Após o diagnóstico, buscou novos sentidos na prática desportiva para mudar seus hábitos de vida. Iniciou com as maratonas na travessia dos fortes em 2011, e atualmente já participou de várias atividades e competições de natação, águas abertas e triathlon (BITTENCOURT, 2013).

Em sentido técnico das variáveis cognitivas envolvidas com as práticas das águas abertas, segundo a Psicóloga Carvalho (2016), primeiramente é necessário distinguir medo de fobia. Pois o assunto é recorrente quando se pretende desafiar a nado as águas abertas. Principalmente pelos menos experientes e iniciantes como segue:

“o medo consiste em um sentimento que, embora não muito agradável, serve muitas vezes para nos proteger e nos fazer refletir antes de tomar algumas decisões e partir para a ação – ele não imobiliza a pessoa, apenas sinaliza que a situação pode oferecer alguma ameaça” (CARVALHO, 2016).

Já a fobia consiste em um medo intenso que paralisa a pessoa e é absolutamente irracional” (CARVALHO, 2016).

Em contrapartida, a paixão é um sentimento que move os praticantes das águas abertas, superando as dores, tédio, nervosismo e outras dificuldades. Quando as condições nas águas abertas se tornam difíceis, é tentador encerrar a atividade e sair da água assim que possível (MUNATONES, 2011).

Porém, quando a força da concentração e o adequado controle sobre as emoções que afligem a grande maioria dos nadadores são superados, alcançam um sentimento único de

alegria e satisfação. Principalmente no momento em que tocam o chão e terminam caminhando ou rastejando no solo. Sentimento único e marcante valorizado pelo resto de suas vidas (MUNATONES, 2011).

Citando Carvalho (2016) a autora reforça que as técnicas de mentalização podem ser muito úteis para afugentar o medo do mar conforme descrito a seguir:

“É necessário que o nadador faça um diálogo interno que acalme os pensamentos do medo intenso. Construa imagens mentais de sucesso: está cientificamente comprovado que elas potencializam o desempenho do atleta. As técnicas de mindfulness também podem ser úteis” (CARVALHO, 2016).

Na literatura internacional é relevante e muito difundido os métodos de ensino baseados em pressupostos psicológicos criados pelo maratonista americano Terry Laughlin. Possui como princípio fundamental a necessidade de aperfeiçoamento, em maior grau, das habilidades aquáticas naturais presentes nos seres humanos. E não somente as relacionadas a resistência. Suas técnicas são fortemente influenciadas pela psicologia cognitiva, principalmente sob aspectos de como aprendemos a aprender, e de que o cérebro humano é tão treinável como qualquer músculo (LAUGHLIN, 2009).

Ou seja, este mesmo autor conceitua de forma análoga que nós humanos somos mamíferos terrestres, e que quando utilizamos nossa inteligência associada a anatomia focada para as habilidades dos animais aquáticos, adquirimos novas capacidades e valências tais como: nadar mais rápido e gastando menos energia, refinamento e aproveitamento da parte técnica e nadar com menor risco de lesões e ocorrências físicas e mentais (LAUGHLIN, 2009).

Por fim, Munatones (2011) resumiu de forma brilhante a relação do equilíbrio e proporção que os nadadores de águas abertas devem saber administrar entre aspectos físicos e mentais como segue:

“Em águas mexidas e escuras, seu foco e determinação mental devem aumentar ao mesmo tempo que seu esforço físico aumenta” (MUNATONES, 2011).

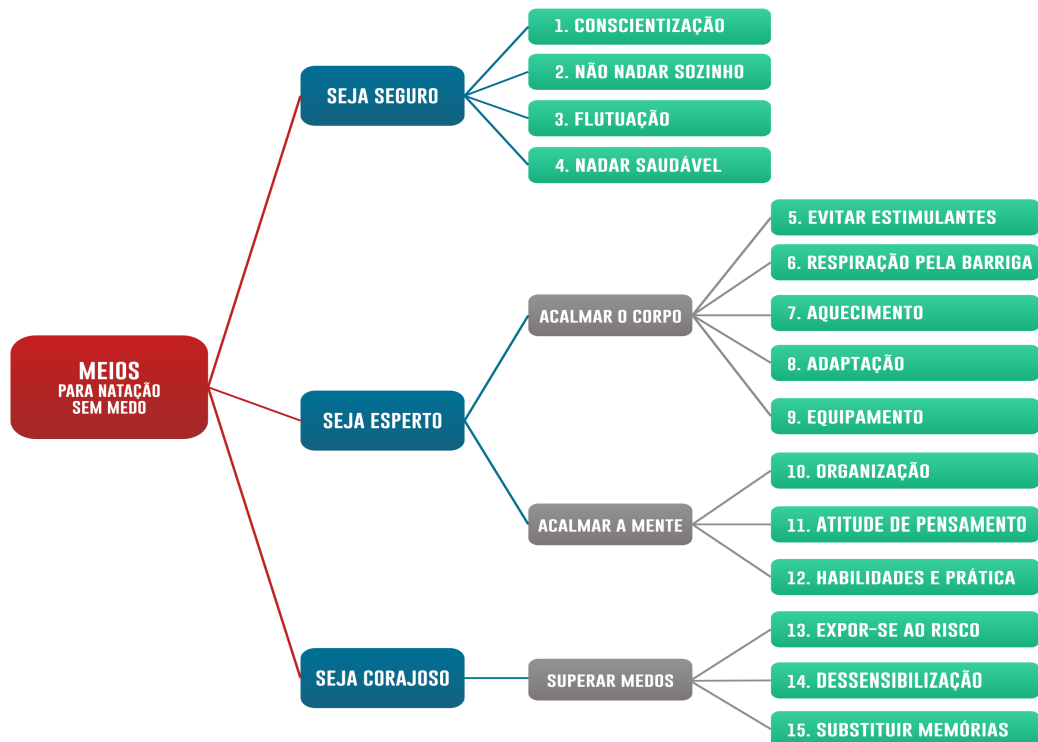


Figura 3: Ferramentas para se tornar um nadador de águas abertas destemido (MILLER,2011).

3. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

É marcante destacar que a configuração historicamente criada entre a natação e as águas abertas é saudável e que de fato foi necessária. Também fica evidente que a Educação Física, pelo exercício e atuação de seus profissionais, poderia iniciar e liderar propostas para futuros cenários da natação no mar. Preferencialmente que possibilitassem aprofundamentos práticos e teóricos de forma a buscar maior autonomia, valorização e representação profissional da modalidade.

Outro fato evidente interpretado nas pesquisas é de que a prática das águas abertas foram inclusas nesse efetivo e contemporâneo processo de ascensão e reconhecimento institucional, este que foi influenciado em grande parcela pelas vertentes esportivas e pela industrialização brasileira. Ou seja, a modalidade não perpassou por seus momentos epistemológicos como a natação.

Carecendo, assim, em se desenvolver especificamente em termos didáticos, técnicos, institucionais e regulamentadores. E, principalmente, científicos. O que, naturalmente, encaminharia o fortalecimento justificado das questões profissionais ainda muito arbitrárias e informais. Seguindo neste rumo, conseqüentemente surgiriam novas demandas e frequentes oportunidades profissionais e acadêmicas destinadas à área de Educação Física.

No entanto o mercado atuante nas águas abertas ainda está em fase de amadurecimento e profissionalização. E ainda encontra-se pautado excessivamente pela corrente esportiva, interesses econômicos, e pelas atividades originadas e praticadas pela natação.

Não menos importante, deveria ocorrer o despertar de novas temáticas aquáticas e a formulação de currículos mais abrangentes e inovadores a serem apropriados pelas escolas e nos cursos de formação da Educação Física. O que também poderia ser aprofundado pela área da medicina, nutrição, psicologia, fisioterapia, etc. A realização de palestras, clínicas e *training camps*, seria uma proposta pertinente para intercâmbio e desenvolvimento da modalidade e aprimoramento profissional específico. Ou, até mesmo, como projetos de extensão para comunidade universitária e público externo.

De maneira em geral, estas variáveis destacadas acima quando associadas a estratégias de marketing, no caso das águas abertas o esportivo, asseguram uma possibilidade diferenciada para expansão e imagem da modalidade em suas mais diversas camadas sociais e órgãos regulamentadores que a representam. Principalmente no caso do Brasil que necessita de melhores condições e amparo para prática e intervenção de seus profissionais dos desportos aquáticos para que atuem de forma autônoma, propositiva e crítica.

Outro ponto que permanece despercebido e com enorme potencial reprimido, são os investimentos nas categorias de base e iniciação de praticantes de águas abertas. Pois conclui-se definitivamente que seus processos didáticos, métodos de treinamento, quando aplicados, são provenientes das técnicas da natação em sua grande maioria. Ou até mesmo de acordo com a experiência profissional de cada técnico e sua capacidade de improvisação e adaptação do nado em piscinas para as águas abertas (FERNANDES; LOBO DA COSTA, 2006).

4. REFERÊNCIAS

ADDE, 2015. Disponível em: <http://www.raiaoito.com.br/2015/12/entenda-as-principais-diferencas-entre-a-natacao-em-mar-aberto-e-na-piscina/>. Acesso em, 01 de Junho de 2017.

ANTELO, Marcelo; CRUZ, Ines Oswaldo. Disponível em <http://copacabana.com/travessia-dos-fortes/> Acesso em 20, junho de 2017.

Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil. Rio de Janeiro, CONFEF 2006. Disponível em> <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/120.pdf>. Acesso em, 05 de jun. 2017

AZEVEDO, 2004. Águas Abertas, **Dicas de Navegação em Águas Abertas**. Disponível em <http://www.travessias.com.br/new/travessias/artigoView.asp?id=13>. Acesso em 11.06.2017

AZEVEDO, 2004. Águas Abertas, **Os 12 Mandamentos**. Disponível em: <http://www.travessias.com.br/new/travessias/artigoView.asp?id=9>. Acesso em 11.06.2017

BITTENCOURT, 2013. Disponível em: <http://renascerdasaguas.com.br/index.html>. Acesso em 20 de junho 2017.

BONACELLI, Maria C. L: A Natação no deslizar aquático da corporeidade: Tese de doutorado, UNICAMP/Campinas, SP: 2004.

BORGES, José Manuel. **Estratégias para enquadramento do treino específico em Águas Abertas**. Anais do 37º Congresso Técnico Científico da Associação de Portuguesa de Técnicos de Natação. Anadia/Portugal. 2016.

BORGES, José Manuel: **Águas Abertas, o outro lado da natação**. 37º Congresso Técnico Científico da Associação de Portuguesa de Técnicos de Natação. Anadia/Portugal. 2015.

BRASIL 1998. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>. Acesso em, 05 jun. 2017

BRASIL, 2016. Disponível em ><http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/modalidades/maratonas-aquaticas>. Acesso em, 26 de maio 2017

CARVALHO, 2016. Disponível em: <http://www.educacaofisica.com.br/esportes/nade-sem-ter-medo-do-mar/>> Acesso em 17.06.2017.

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES, 2017. Disponível em: <http://cbo.maisemprego.mte.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaCompetencias.jsf>> Acesso em 29.06.2017

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acesso em, 16 de jun. 2017

DA SILVA, Luana Maciel; CASTRO, Flavio Antônio de Souza. Artigo de Revisão: Biomecânica aplicada ao polo aquático: revisão de parâmetros cinemáticos e cinéticos da perna em *eggbeater*. **Revista da Educação Física**, vol. 85, no, 3, págs. 241-249. 2006

DEVIDE, Fabiano, P. Associação Brasileira de Natação Master: Divisora de águas na história da natação máster no Brasil. **Revista Movimento – Ano V – Nº 11 – 1999/2**. São Paulo/SP

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2015. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/resolucoes/conteudo.asp?cd_resol=355&textoBusca=nata%E7%E3o. Acesso em, 05 de jun. 2017

FARJ, 2016. Disponível em: <http://www.aquatica.org.br/website/> Acesso em 20 de junho 2017.

FASC, 2016. Disponível em <http://www.aquatica.org.br/website/> Acesso em 20 de junho 2017.

FERNANDES, Josiane Regina; LOBO DA COSTA, Paula H. Pedagogia da Natação: Um mergulho para além dos 4 estilos. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, v.20, n.1, p.5-14, jan./mar. 2006.

IBGE, 2014. Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/posicao-e-extensao.html> Acesso em 27 de maio 2017.

PERES, Lila. Polo Aquático Feminino. In: Lamartine Pereira (org). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte educação física e atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro. CONFEF, 2006.

LAUGHLIN, 2009. Disponível em: <http://www.totalimmersion.net/>. Acesso em 20 de junho 2017.

LENK, Maria: **Braçadas e abraços**. Editora Grupo Atlântica Boa Vista. Rio de Janeiro. 1982.

LOPES, 1994, José Pedro S. Tese de Doutorado: **O jogo e o jogador de polo aquático português**. Universidade do Porto/ Portugal.

MILANI, 2009. Disponível em: <http://www.canaldamanha.com>. Acesso em, 29 de maio 2017

MILLER, Ingrid L. **Fearless Swimming for Triathletes – Improve Your Open Water Skills** – Iron Man Edition. United Kingdom 2011.

MUNATONES, Steven. **Open Water Swimming: Improved Performance for Swimmers and Triathletes. Paper Book, California/USA, 2011.**

Nogueira, Maressa D'Paula Gonçalves Rosa Dissertação de Mestrado USP. Escola de Educação Física e Esporte. **Organização e qualidade de programas para o desenvolvimento da maratona aquática de alto rendimento no Brasil 2014.**

NOLASCO Verônica Périssé, PÁVEL Roberto de Carvalho, MOURA Ricardo. Natação. In: DA COSTA, Pereira (org.). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte educação física e atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro. CONFEF, 2006.

PACHECO, A.G. et al. A influência da natação no desempenho do triathlon: implicações para o treinamento e competição. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, 2012, 14(2):125-241.

PALLEROSI, 2015. **Acessado em 17.06.2017**. Disponível em <https://www.surfguru.com.br/noticias/2015/06/quem-foi-duke-kahanamoku.html>. Acesso em 14.06.2017.

PALMA, Ângela Pereira Teixeira; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli; PALMA, José Augusto Victoria. **Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio**. Londrina/PR: EDUEL, 2010.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2017: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9696.htm> Acesso em 29.06.2017

RAMOS, Waldyr Mendes. Natação Máster. In: Lamartine Pereira (org). (2006). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte educação física e atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro. CONFEEF, 2006.

Regulamento Máster da FINA: Disponível em http://www.fina.org/sites/default/files/finamarules_20152017.pdf> Acesso em 20 de junho 2017.

SILVAN, Belchior, **Caracterização das Travessias, Águas Abertas, ou Maratonas Aquáticas na Natação**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2004.

SILVESTRE, Alexia. 2015. Disponível em: <https://editorolimpico.wordpress.com/2015/06/28/historia-da-natacao-nos-jogos-olimpicos/> Acesso em 29.06.2017

STRINI, Antônio; REZENDE, Igor. Disponível em http://espn.uol.com.br/noticia/620885_phelps-vira-nadador-mais-velho-a-ganhar-ouro-e-admite-bem-mais-dificil-que-antes. Acesso em 20, junho de 2017.

TIME BRASIL, 2014. Disponível em: <https://www.cob.org.br/time-brasil/>> Acesso em, 26 de maio 2017.

TELLES, Silvio de Cassio. Polo Aquático Masculino. In: Lamartine Pereira (org). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte educação física e atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro. CONFEEF, 2006.

VERNIERI, Alceu Vaz; FERNANDES, Arnaldo. Natação. In: Lamartine Pereira (org). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte educação física e atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil**. Rio de Janeiro. CONFEEF, 2006.

www.travessias.com.br/new/travessias/artigoview.asp?id=::~. Acesso em 11.06.2017

<http://www.educacaofisica.com.br/fitness2/aquaticos2/natacao-no-mar-um-esporte-que-tem-cada-vez-mais-adeptos/>. Acesso em 11.06.2017